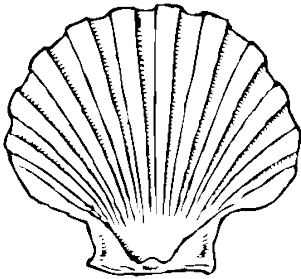


# ALGUM AMOR

LUIZ BIAJONI

**Editora Penalux**

*Guaratinguetá, 2020*



16 DE AGOSTO DE 2020

**STELLA CHIARA MORREU** pouco depois de completar sessenta anos. Ela diria que meio século e uma década tinha sido tudo de que precisou para viver — uma frase espirituosa, porém, vazia; dessas que ela gostava de criar dentro de seu espírito publicitário.

Apesar das dores constantes por causa da fibromialgia, a morte de Stella não pareceu à família — e nem a ela — triste ou dolorosa. Ela vinha se alimentando mal, bebendo muito, tinha emagrecido bastante, mas não parecia infeliz ou apagada; tinha agilidade e um certo frescor, era uma mulher precocemente envelhecida, magra e enrugada, mas com algum brilho ainda nos olhos, andando pelo *loft* com um copo na mão e um livro

ou um encarte de disco na outra, vestindo camiseta branca e larga de algodão, calça de moletom e pantufas de avozinha. Seis meses depois de receber os dois ex-maridos, as duas filhas, os dois genros, as duas netas e as três melhores amigas para uma breve comemoração de aniversário, quando parecia bem alegre e falante, deitou-se e não acordou: simplesmente apagou para a vida, suavemente. Há quem diga que não vinha se sentindo muito bem há dias, mas é difícil saber.

Como morava sozinha, em seu “universo particular”, como costumava chamar, só desconfiaram de algo quando a moça da lavanderia não conseguiu falar com ela pelo interfone e ligou para Olga, a filha mais velha.

Tiveram que arrombar a porta. Stella estava deitada serena, esticada, de olhos fechados, com o pijama branco. Parecia um anjo, disse a moça da lavanderia.

As filhas sabiam de um testamento que ficava em uma gaveta da mesa que era sua “estação de trabalho”. Deveria ser aberto depois de sua morte. Era bastante óbvio que Stella deixaria

todos os pertences para as duas únicas filhas, mas estranharam, quando ao ler o testamento souberam que as duas ficariam com os pertences da mãe, porém, deviam apanhar os livros e discos que quisessem e encaminhar o restante para Luiz Aquino. Elas conheciam Aquino: era um escritor com quem Stella tivera um caso trinta anos atrás. Ela tinha trinta e ele, dezenove. Poucos meses antes da festa de sessenta anos de Stella, ele tinha publicado um livro chamado *Algum Amor*, que contava, diziam, de forma romanceada, o *affair* entre eles.

A história era conhecida da família, mas não se comentava. Porém, não esperavam que Aquino estivesse no testamento da mãe ou que ela ainda pensasse nele, tanto tempo depois.

Não tiveram dificuldade para encontrá-lo, comunicar a morte da mãe, informar sobre as instruções de cremação — que não devia contar com exéquias — e falar sobre o testamento. Aquino, que estava para completar cinquenta anos e aparentava dez anos a menos, chorou bastante e, depois, tratou de contratar uma transportadora

para retirar do *loft* os milhares de discos e livros da coleção — a retirada aconteceria em um mês. As filhas achavam que Aquino e Stella não se encontravam há muitos anos, pois não sabiam que ele a visitara uns dias antes da festa de aniversário. E lhe dera um exemplar de *Algun Amor*.

1982

**NO FIM DE 1970**, a Editora Brasiliense colocou no mercado brasileiro uma série de livros de bolso que se tornou um grande sucesso. A coleção “Primeiros Passos” tinha a intenção de esclarecer, em linguagem simples, para o público leigo, alguns temas complexos. Todos os títulos começavam da mesma maneira, com “O que é...”. Na época, em plena ditadura militar, os dois primeiros títulos chamaram a atenção e impulsionaram a série. Eram *O que é Socialismo?* e *O que é Comunismo?*, ambos escritos pelo jovem sociólogo Arnaldo Spindel. A intenção era sempre convidar jovens especialistas, de mente arejada, e não os velhos bastiões, para desenvolverem os temas.

Em um momento em que as organizações de trabalhadores tomavam forma no Brasil, o tema do terceiro volume, *O que é Sindicalismo?*, coube ao também sociólogo Ricardo Antunes, de apenas vinte e cinco anos. Ricardo criaria, quase quarenta anos depois, o PSOL — Partido Socialismo e Liberdade. Recém-formado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas, Afrânio Mendes Catani assumiria a explicação do quarto volume, que versava sobre o que era o capitalismo. Depois, o jornalista Caio Tulio Costa, também aos vinte e cinco anos, explicou o que era o anarquismo. A escolha do nome para o tema seguinte, *O que é Liberdade?*, foi um impasse — e o livro ficou nas mãos do experiente historiador, filósofo e político Caio Prado Júnior, um dos fundadores da editora. Recém-saído da prisão por “incitação contra o Regime Militar”, Caio não era um jovem autor, mas seu nome no sexto título da série chamou a atenção da mídia, do governo e do público, alavancando ainda mais as vendas.



Para escrever sobre racismo, foi convidado o vencedor do Prêmio Jabuti de 1979, Joel Rufino dos Santos, de trinta e oito anos. E a coleção seguiu alternando temas polêmicos e outros nem tanto, a maioria sob responsabilidade de jovens pesquisadores e escritores.

Um tema importante, porém, estava à procura de um especialista. Os editores da Brasiliense não sabiam quem chamar para escrever o volume *O que é Amor?*. Um dos nomes cogitados foi o de uma jovem paulistana de apenas vinte e um anos e sem nenhuma formação universitária: Stella Chiara. Ela tinha aparecido em algumas publicações, em matérias que falavam sobre a contracultura, o amor livre e feminismo — era inteligente, articulada, bonita e tinha carisma. Filha de um rico empresário italiano do ramo de cosméticos, aos dezesseis anos tinha fugido para os EUA com o namorado trintão, um guitarrista de *jazz*, Sérgio Pena, que tocava na banda *Os Catedráticos*, de Eumir Deodato. Stella tinha vivido em comunidades *hippies* nos EUA, experimentado diversas drogas por



## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Bembo Std  
pela Editora Penalux e impresso em  
papel off-white, em julho de 2020.

---